



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

***Percursos de Risco e Comportamento Desviante:
Perspetivas de Jovens em Conflito***

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do
grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante

Ana Filipa Ribeiro Lima

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Raquel Matos e Doutor Filipe Martins.

Porto, Janeiro de 2019

Agradecimentos

À Professora Raquel Matos, pelas aprendizagens, reflexões e disponibilidade ao longo do meu percurso.

Ao Doutor Filipe Martins, pela disponibilidade ao longo do desenvolvimento desta dissertação e aprendizagens.

A todos os professores que fizeram parte do meu percurso, pois cada um contribuiu para que hoje fosse possível estar a finalizar esta etapa da minha vida e pelos ensinamentos e motivação.

Aos meus pais e irmão, pelo apoio ao longo de todo o meu percurso académico, paciência, presença constante nesta fase da minha vida e por me terem dado a oportunidade de neste momento estar a concluir esta fase, pois sem eles nada disto seria possível.

Aos meus avós, que apesar de não estarem presentes fisicamente sempre funcionaram como uma motivação para atingir este meu objetivo.

Aos jovens que se disponibilizaram a participar neste estudo, pois sem eles não seria possível estar a concluir esta investigação e acima de tudo por terem partilhado as suas ideias, opiniões e experiência de vida.

Percursos de Risco e Comportamento Desviante: Perspetivas de Jovens em Conflito

Ana Filipa Ribeiro Lima

Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal

Resumo

A presente investigação tem como principal objetivo explorar as trajetórias dos jovens, assim como os fatores que se encontram associados à emergência dos seus comportamentos desviantes. Um dos objetivos é a caracterização das trajetórias dos participantes em termos de percurso educativo e delinquência juvenil. Pretende-se ainda compreender quais os fatores associados à emergência das trajetórias de risco e desvio dos jovens, bem como compreender a sua natureza. Os resultados evidenciaram uma relação direta entre percursos educativos problemáticos e a delinquência juvenil. Mostraram ainda que os jovens identificam vários fatores associados à emergência de trajetórias de risco e desvio, tendo-se destacado os fatores de natureza externa.

Palavras – chave: delinquência, abandono escolar precoce, trajetórias de risco, adolescência/juventude.

Abstract

The present research has as main objective to explore the trajectories of young people, as well as the factors that are associated with the emergence of their deviant behaviors. One of the objectives is the characterization of the trajectories of participants in terms of educational path and juvenile delinquency. It is also intended to understand the factors associated with the emergence of risk and deviance trajectories of young people, as well as to understand their nature. The results showed a direct relationship between problematic educational pathways and juvenile delinquency. The results also showed that young people identified several factors associated with the emergence of risk and deviance trajectories, and the external factors were highlighted.

Key – words: delinquency, early school leaving, risk trajectories, adolescence/youth.

I. Introdução

O estudo apresentado neste artigo enquadra-se no projeto “*Promoting Youth Involvement and Social Engagement – Opportunities and challenges for conflicted young people across Europe*” (PROMISE), financiado pelo Programa Europeu Horizonte 2020. O objetivo do projeto PROMISE é investigar como é que as respostas dos jovens aos problemas que enfrentam, podem gerar conflitos mas também oportunidades de envolvimento social positivo. Para responder a este objetivo, a equipa portuguesa do projeto PROMISE analisou dois estudos de caso distintos: jovens com percurso de risco e comportamento desviante, e ainda, jovens ativistas em questões de género. O estudo particular que se apresenta incide apenas sobre o primeiro estudo de caso e tem como objetivo compreender as perspetivas dos jovens sobre os seus percursos de risco e comportamento desviante até à resposta em que estão inseridos (projeto socioeducativo e/ou Medida Tutelar Educativa).

O comportamento desviante, que por definição é considerado negativo por se tratar de um comportamento que vai contra a norma, é por vezes conceptualizado como uma ferramenta necessária ao desenvolvimento, por permitir a aquisição de novas formas de socialização (Benavente, 2002). Nesta perspetiva, o desvio surge como consequência de uma tentativa de adaptação perante uma situação de conflito (Benavente, 2002), e terá como ponto de partida uma exploração do jovem e a influência de fatores dos contextos em que este se insere, com destaque para a família e o grupo de pares.

Neste estudo, parte-se de uma conceção de desvio aberta às duas perspetivas referidas anteriormente, e analisam-se as narrativas dos jovens sobre os seus percursos de risco e comportamento desviante, com particular destaque para o abandono escolar e os comportamentos delinquentes.

Atualmente, em Portugal, apesar de ter diminuído face aos outros anos, o Abandono Escolar Precoce, ainda se encontra acima da média europeia, revelando-se pertinente compreender a origem destes números para melhor intervir nesta problemática. Quanto aos jovens abrangidos pela Lei Tutelar Educativa, os números têm também vindo a diminuir, mas há ainda poucos

estudos com o objetivo de compreender os conflitos que estes jovens experienciam e a forma como lidam com eles, para que se consiga intervir e prevenir uma futura reincidência.

II. *Enquadramento Teórico*

Trajetórias de Risco e Comportamento Desviante em Jovens

O conceito de “trajetória” reflete as experiências de vida e a sua evolução cronológica, focando os aspetos fenomenológicos associados ao significado atribuído a esses eventos e aos sentimentos que deles resultam (Brunelle, Cousineau & Brochu, 2002). Quando falamos em trajetórias podemos fazer duas leituras. Por um lado, os sujeitos sofrem constrangimentos a nível estrutural que os moldam e afetam as suas dinâmicas e interações sociais; por outro lado, são dotados de autonomia que lhes permite, mesmo estando inseridos num determinado contexto social e sujeitos às suas regras, apresentarem diferentes modos de responder às situações que experienciam (Carvalho, 2005).

A seguir, são enquadradas duas problemáticas particulares que tendem a estar presentes em percursos de risco e comportamento desviante de jovens: abandono escolar e delinquência. Estas duas problemáticas são encaradas como problemas sociais bem presentes no contexto Português atual, apesar da evidência de decréscimo das suas taxas de prevalência.

O insucesso escolar e o abandono escolar precoce têm vindo a diminuir mas continuam a ser problemáticas relevantes (Matos et al., 2016). Em 2017 registou-se uma diminuição face aos anos anteriores pois apenas 15.3% dos rapazes e 9.7% das raparigas entre os 18 e os 24 anos se encontravam em situação de abandono precoce da educação ou formação (PORDATA, 2018).

Quanto à delinquência juvenil, de acordo com os dados da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), 1060 jovens estavam a cumprir 1149 medidas tutelares educativas no final do primeiro semestre de 2018, o que representa um decréscimo de 4,88% relativamente ao mesmo período do ano anterior (Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, 2018).

a. Abandono Escolar

O abandono escolar representa um problema individual, assim como um problema social, e em Portugal milhares de estudantes todos os anos abandonam o percurso escolar antes de concluírem a escolaridade obrigatória (Gyönös, 2011). Esta problemática traduz-se em implicações na redução da qualificação dos jovens para a entrada no mercado de trabalho, acabando por comprometer a longo prazo o desenvolvimento e o crescimento económico (Gyönös, 2011). O conceito de “abandono” pode ser classificado em dois termos diferentes e que representam fenómenos distintos (Justino et al., 2017). Tendo em conta a definição do sistema estatístico nacional, o conceito de abandono escolar era sinónimo de saída do sistema de ensino antes da conclusão da escolaridade obrigatória, dentro dos limites previstos pela lei (Justino et al., 2017). A definição mais utilizada pela União Europeia de abandono escolar precoce consiste em jovens entre os 18 e os 24 anos que abandonam o ensino e a formação, sem concluírem o ensino secundário ou menos, e que não estejam a participar em nenhuma atividade educacional (Comissão Europeia, 2013).

A partir da década de 90, a taxa de abandono escolar baixou para níveis residuais, e a de abandono precoce da educação e formação foi reduzida para cerca de um terço (Justino et al., 2017). A taxa feminina de abandono precoce da educação encontrou-se 10% inferior à taxa de abandono precoce da educação masculino (Justino et al., 2017). Os rapazes, que habitam em zonas mais desfavorecidas, revelam menor propensão do que as raparigas para continuarem os estudos, apesar dessa diferença nos anos entre 2001 e 2011 tenha diminuído (Justino et al., 2017). Em Portugal, em 2016, registou-se uma percentagem de 14% de jovens entre os 18 e os 24 anos que abandonaram o ensino precocemente, tendo-se registado, comparativamente a 2013, uma redução de 4.9% (Comissão Europeia, 2017). A média da União Europeia, entre 2013 e 2016, diminuiu em 1.2% (2013 – 11.9% e 2016 – 10.7%) dos

jovens entre os 18 e os 24 anos que abandonaram o ensino. (Comissão Europeia, 2017).

No que se refere ao perfil dos alunos que abandonam a escola precocemente, a investigação internacional revela que estes tendem a: a) ter origens socialmente desfavorecidas; b) ser do sexo masculino e não do sexo feminino, pois segundo estatísticas da União Europeia 16,9% dos jovens que abandonaram a escola são do sexo masculino e apenas 12,7% são do sexo feminino; c) pertencer a grupos vulneráveis, como por exemplo os alunos com necessidades educativas especiais; d) ter experienciado, por exemplo, absentismo escolar, expulsão da escola entre outros; e) registar experiências de mau aproveitamento escolar; f) provir de origens minoritárias ou migrantes; g) experienciar altas taxas de mobilidade, ou seja, mobilidade residencial e mobilidade escolar; h) estarem concentrados em áreas específicas, por exemplo jovens de famílias pobres, migrantes ou minoritárias, em situação de emprego e desemprego, baixos níveis de educação, o que origina uma condição de classe mais fragilizada (Dale, 2010). Contudo, estas características mencionadas anteriormente não são generalizáveis a todos os jovens que abandonam a escola precocemente, pois existem jovens que as possuem e continuam a escolaridade e com sucesso, bem como muitos outros que abandonam a escola e não as possuem (Dale, 2010).

De um ponto de vista macrossocial, as sociedades atuais são caracterizadas pelo reforço dos processos sociais de exclusão com o aumento das desigualdades e do desemprego, o que inevitavelmente tem impacto nos processos de exclusão escolar (Dubet, 2003). Apesar da existência de políticas que têm como objetivo diminuir o fenómeno da exclusão escolar, quanto mais a escola intensifica a sua ação mais existe tendência ao aumento da exclusão (Dubet, 2003).

Segundo o sociólogo da educação François Dubet (2003), existem dois conceitos que podem explicar o insucesso escolar, nomeadamente o conceito de retraimento e o conceito de conflito. O retraimento refere-se aos casos dos alunos menos bem-sucedidos que não conseguem obter os resultados escolares espectáveis apesar de se esforçarem, o que os leva a desenvolverem o mecanismo protetor de deixar de investir nas suas atividades

escolares. Quando estes alunos não conseguem explicar esses insucessos recorrendo a fatores sociais, são levados a assumir-se como responsáveis da sua condição de exclusão escolar. Já o conceito de conflito interfere na questão do insucesso escolar quando os alunos encaram os maus resultados como algo que atenta na sua dignidade. Perante uma situação de exclusão escolar, que é sancionada nas salas de aula e nos estabelecimentos menos categorizados, os alunos escolhem atribuir a culpa aos próprios professores, numa tentativa de desresponsabilização (Dubet, 2003).

O abandono escolar precoce muitas vezes também pode estar associado ao fenómeno da delinquência juvenil e à integração em grupos de pares desviantes. Estudos realizados e revistos por Le Blanc (1994) mostravam que os jovens delinquentes tinham acumulado retenções escolares, que funcionavam mal na escola, isto é, mau desempenho, perturbações do comportamento entre outros, ou seja não existia uma adaptação destes jovens ao contexto escolar (Le Blanc, Ouimet, Szabo et al., 2003). Outros estudos que apontam que o comportamento delinvente tem na sua origem comportamentos inadequados no contexto escolar, sendo que um dos fatores precipitantes mais apontados nestes estudos é a reação disciplinar das autoridades escolares ao comportamento desajustado do jovem (Le Blanc, Ouimet, Szabo et al., 2003).

Alguns fatores de risco que motivam o abandono escolar centram-se insucesso escolar, motivação e sentimento de competência enfraquecidos, aspirações escolares menos altas, problemas de agressividade e de indisciplina, absentismo, fraco investimento nas atividades escolares e extracurriculares (Vitaro et al., 2001 cit. In Le Blanc, Ouimet, Szabo et al., 2003). No que toca a hábitos de vida, temos como fatores de risco a utilização de psicotrópicos, andar sem rumo, adotar comportamentos delinquentes (Janosz et al., 1997 cit. In Le Blanc, Ouimet, Szabo et al., 2003). O próprio estabelecimento de ensino pode constituir um fator de risco pelo seu funcionamento geral ou por determinadas características específicas organizacionais, bem como o clima que se vive na escola (Janosz, Georges & Parent, 1998 cit. In Taborda Simões, Castro Fonseca, Formosinho, Vale Dias & Lopes, 2008). Alguns estudos longitudinais apontam ainda que as famílias

destes jovens tendem a valorizar pouco a escola, a implicar-se pouco nas questões escolares, e a adotar um estilo parental permissivo e um sistema de enquadramento deficiente (falta de supervisão, de apoio, encorajamento), bem como a existência de falta de comunicação e de calor afetivo nas relações pais-filhos, frequentemente com reações negativas ou simplesmente nulas ao insucesso escolar dos filhos, tornando-os mais propensos ao abandono escolar (Horwich, 1980 & Janosz et al., 1997 cit. In Le Blanc, Ouimet, Szabo et al., 2003).

b. Delinquência Juvenil

Enquanto a designação comportamento desviante se refere genericamente a comportamentos problemáticos que implicam a transgressão ou desvio em relação às normas sociais, o conceito de delinquência juvenil remete para a perpetração de atos tipificados pela lei como crimes (Duarte, 2012). A delinquência pode ser vista como parte de um estilo de vida mais ou menos desviante, dependendo dos indivíduos e da evolução da sua trajetória (Brunelle, Cousineau & Brochu, 2002).

Em Portugal, a Lei Tutelar Educativa é aplicada a jovens, entre os 12 e os 16 anos, que cometeram atos qualificados pela lei como crime. As medidas previstas nesta lei pretendem promover a educação dos jovens para o Direito e a sua integração na sociedade (Duarte, 2012). De acordo com os dados disponibilizados pela Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, encontravam-se em execução no primeiro semestre de 2018 cerca de 1149 jovens com medida tutelar educativa (Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, 2018). Dos 1149 jovens com medida em execução, 104 apresentavam medida de internamento em Centro Educativo, 247 encontravam-se em Acompanhamento Educativo, 220 a cumprir medidas a favor da comunidade e 13 a frequentar programas formativos (Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, 2018).

Crianças e jovens com percursos e comportamentos desviantes mas que não tenham cometido nenhum ato qualificado pela lei como crime são abrangidas pela Lei de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

(Duarte, 2012). De acordo com o Relatório de Avaliação da Atividade das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens de 2017 existiam cerca de 16100 jovens entre os 11 e os 14 anos com medidas em execução ou aplicadas e 23916 entre os 15 e os 21 anos (Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens, 2018).

A Delinquência Juvenil tem sido abordada sob várias perspetivas, que nos ajudam a desconstruir este fenómeno, como por exemplo, as Teorias da Anomia, as Teorias das Subculturas, as Teorias da Associação Diferencial, as Teorias do Controlo Social e Teoria da Rotulagem. Estas teorias, anteriormente mencionadas, abordam a problemática da delinquência juvenil numa vertente mais social, o que nos permite compreender de forma mais ampla o fenómeno. Algumas teorias propõem compreender a delinquência juvenil a partir do conceito de classe social. Um exemplo é a teoria da anomia e o argumento de que os jovens de classe média em determinados momentos se sentem condicionados devido ao seu estatuto social, desenvolvendo um sentimento de frustração que pode originar a adoção de condutas desviantes/criminais (Akers & Sellers, 2004). As teorias da anomia visam a compreensão de fatores de risco social, abordando aspetos focados na desregulação e desorganização social, bem como aspetos centrados no processo de socialização (Duarte, 2012). Por sua vez, outras perspetivas assentam a sua análise da delinquência juvenil no grupo de pares. As teorias das subculturas, por exemplo, analisam a influência que determinado grupo pode ter num elemento quando este procura a aprovação do grupo (Akers & Sellers, 2004). No caso da delinquência juvenil, um grupo de pares com conduta desviante pode influenciar um sujeito a adotar os mesmos comportamentos para integrar o grupo e assegurar a sua aprovação (Akers & Sellers, 2004). Estas teorias estabelecem uma relação com a Teoria do Controlo, podendo conduzir o sujeito a uma trajetória desviante (Akers & Sellers, 2004). A Teoria do Controlo Social consiste num conjunto de normas sociais que pretendem direcionar o comportamento dos sujeitos, punindo e desencorajando o desvio (Akers & Sellers, 2004). Existe ainda teorias que assentam a sua análise da delinquência juvenil nos elementos e padrões de um contexto. Exemplo disso é a teoria da associação diferencial de Sutherland e Cressey's que consiste em assumir que, na sua

maioria, os comportamentos delinquentes são aprendidos pelo contacto com elementos e padrões que predominam em determinado ambiente físico e social (Xavier, 2011). Por último, existe teorias que baseiam a sua análise da delinquência juvenil na estigmatização de que os sujeitos são alvo pela sociedade. A teoria da rotulagem é um exemplo disso, pois consiste numa aplicação formal ou informal de “rótulos” pela sociedade, estigmatizando o indivíduo, o que irá contribuir não para uma dissuasão desta problemática mas sim para induzir futuros atos desviantes ou criminoso (Akers & Sellers, 2004). A Teoria da Rotulagem não é resultado do desvio às normas sociais mas sim uma resposta da sociedade a esse desvio (Duarte, 2012).

Outras abordagens ainda enquadram-se no que tende a ser designado de criminologia desenvolvimental. Esta perspetiva centra-se na análise de trajetórias delinquentes e na identificação de fatores de risco e de proteção que permitam compreender variações no comportamento delincente ao longo de uma trajetória de vida (Matos & Soares, 2018). Na próxima secção serão apresentados alguns fatores que têm sido associados na literatura à emergência de risco e comportamento desviante em jovens.

Fatores associados à emergência de risco e desviância em jovens

A literatura tem identificado fatores associados a trajetórias de risco e à adoção dos comportamentos desviantes pelos jovens. Destacam-se fatores da família, que assume um papel crucial no desenvolvimento dos jovens, tendo uma influência direta na educação, socialização, prestação de cuidados, transmissão de crenças e valores e, de um modo geral no bem-estar dos seus elementos é um dos principais fatores de risco mais referidos (Tomé, Camacho, Gaspar Matos e Alves Diniz, 2011). Outros fatores identificados são o desajuste à escola (Loeber et al., 1998 cit. In Brunelle, Cousineau & Brochu, 2002), a associação a pares desviantes (Patterson et al., 1998 cit. In Brunelle, Cousineau & Brochu, 2002), experiências de vitimação (Alexander, 1996 cit. In Brunelle, Cousineau & Brochu, 2002) e experiências de desviância precoces (Patterson et al., 1998 cit. In Brunelle, Cousineau & Brochu, 2002). Tendo em conta o período da adolescência, o grupo de pares é um forte fator de influência na trajetória dos jovens (Tomé, Camacho, Gaspar Matos & Alves Diniz, 2011). A aceitação do grupo de pares e o processo de socialização é

uma necessidade dos jovens em idade escolar, sendo importante o sentimento de pertença e de companheirismo (Tomé, Camacho, Gaspar Matos & Alves Diniz, 2011).

A maioria dos estudos centrados na identificação de fatores de risco são de natureza quantitativa, contudo, existem estudos de natureza qualitativa, focados nas perspetivas de jovens com comportamentos desviantes. A partir dessas perspetivas, são identificados fatores associados à emergência de risco e desviância em jovens.

Matos (2008) realizou um estudo qualitativo com *jovens reclusas*, e identificou nas suas narrativas algumas dimensões que as próprias jovens associam ao seu comportamento criminal. Destacaram-se transições familiares, como por exemplo, a morte de um dos progenitores, separações e perdas, assim como outros acontecimentos familiares interpretados como tendo tido impacto negativo nas suas vidas (Matos, 2008). Um estudo realizado no Brasil com jovens com percurso desviante reforça a ideia anterior, pois na narrativa dessas jovens o facto de experienciarem ruturas de vínculos e envolvimento em situações de perda de pessoas significativas nas suas vidas contribuiu para integrarem uma conduta de desvio (Dell’Aglío, dos Santos & Borges, 2004).

O envolvimento de familiares com o sistema de justiça foi também um fator identificado nestes estudos como sendo associado ao comportamento desviante. Por exemplo, as jovens reclusas relatam a instabilidade decorrente da passagem de familiares pelo sistema de justiça como estando na origem do seu comportamento desviante (Matos, 2008). Outros autores descrevem acontecimentos que originam instabilidade emocional, e que, sem a presença de pelo menos uma figura de autoridade, proteção e segurança, podem estar associados à adoção de condutas desviantes (Dell’Aglío, dos Santos & Borges, 2004). Podemos concluir que o fator família, nomeadamente estas componentes abordadas anteriormente, assume uma relevância significativa na vida das jovens e no seu comportamento desviante (Matos, 2008). Um facto referido por jovens desviantes é que se verem inseridos na família, sem sentirem isso e percecionando-se como responsáveis pela família, cria neles um sentimento de não pertença no núcleo família que os torna vulneráveis ao

comportamento desviante (Penso e Sudbrack, 2009 cit. In Nunes, Andrade & Morais, 2013).

Outro contexto explorado e que vai ao encontro de uma das problemáticas que estamos a analisar neste estudo é a escola. No estudo de Matos, jovens reclusas descreveram desinteresse e abandono escolar precoce, problemas disciplinares e expulsões como aspetos significativos de momentos de viragem para trajetórias de desvio (Matos, 2008). Segundo um estudo realizado por Gallo e Williams (2008), jovens que frequentavam a escola viam a gravidade dos seus comportamentos desviantes reduzida e, que é possível desenvolver estratégias para enfrentar os desafios de acolher os jovens no sistema de ensino, em vez de expulsá-los. O grupo de pares tem também sido associado a percursos desviantes, particularmente ao início do consumo de substâncias

O estudo desenvolvido por Brunelle, Cousineau e Brochu (2002) revelou que a adoção de um estilo de vida desviante é motivada pelo prazer, pela autoestima positiva e a progressão do estilo de vida desviante associada a funções amnésicas da droga e eventos de marcação: pontos de viragem, por sua vez a regressão desse mesmo estilo de vida depende da influência positiva dos pares, das representações sociais e da sensação de ter muito a perder ou nada a ganhar. Neste estudo, em que foram analisadas narrativas de jovens com comportamentos desviantes, os fatores que contribuem para a adoção desses comportamentos dependem essencialmente da obtenção de prazer ou do desejo de aumentar a autoestima; por sua vez, o que conduz a uma progressão do estilo de vida desviante envolve sentimentos negativos: vergonha, culpa, rejeição, desprezo, autoestima negativa e um desejo de esquecer os problemas (Brunelle, Cousineau & Brochu, 2002).

Quanto a experiências de institucionalização, há jovens que atribuem a essa transição a responsabilidade dos seus comportamentos desviantes, enquanto outras referem que já antes da entrada para a instituição mantinham condutas desviantes (Matos, 2008). A institucionalização é interpretada como uma medida de intervenção, mas algumas jovens referem que as instituições na sua maioria não oferecem vivências de relações de afeto, íntimas e contínuas com um cuidador, transformando-se em experiências com impacto negativo na vida das jovens (Dell'Aglio, dos Santos & Borges, 2004). Como

houve uma comparação com jovens institucionalizados e não institucionalizados, percebeu-se que os jovens institucionalizados experimentaram mais sentimentos negativos em relação ao seu contexto de vida passada ou presente do que os jovens não institucionalizados (Brunelle, Cousineau & Brochu, 2002). Os jovens que participaram neste estudo, institucionalizados e não institucionalizados declararam que o seu estilo de vida desviante retrocedeu quando se viram envolvidos em sentimentos positivos associado a uma identificação conformista, restauração de um grau de bem-estar julgado satisfatório por uma pessoa jovem ou evitar deterioração de um estado de bem-estar (Brunelle, Cousineau & Brochu, 2002).

Nas próximas secções, será apresentado um estudo empírico com o objetivo geral de compreender as perspetivas de jovens sobre as suas trajetórias de risco e de comportamento desviante.

III. Método

Este estudo enquadra-se no projeto PROMISE, cuja metodologia é de natureza qualitativa, e especificamente de carácter etnográfico. No âmbito do projeto PROMISE, os investigadores estiveram presentes nos diferentes contextos de pesquisa de forma prolongada (entre janeiro de 2017 e junho de 2018) estabelecendo um contacto direto com as pessoas, as situações e os acontecimentos, e recolhendo dados a partir de diversas fontes e estratégias (Lopes, 2011). O estudo que se apresenta incide sobre os dados obtidos a partir das entrevistas realizadas a jovens durante a permanência dos investigadores no terreno.

a. Objetivos Específicos

Os objetivos específicos deste estudo são: a) caracterizar as trajetórias destes jovens em termos de percurso educativo e delinquência juvenil; b) compreender os fatores associados à emergência das trajetórias de risco e desvio dos jovens.

b. Participantes

Integraram esta investigação 26 de jovens, 9 raparigas e 17 rapazes, com idades entre os 14 e os 29 anos, com percurso de risco, nomeadamente

em situações de abandono escolar e/ou comportamentos desviantes. Os participantes foram recrutados na região norte de Portugal entre os jovens que se encontravam a frequentar duas instituições socioeducativas de educação de segunda oportunidade que recebem jovens em situação de abandono escolar, bem como entre os jovens que se encontravam a cumprir uma mediada tutelar educativa na comunidade sob acompanhamento de técnicos das equipas tutelares educativas¹.

As instituições socioeducativas de segunda oportunidade

As metas europeias para 2020 passam pela redução da taxa média europeia do abandono precoce da educação e formação para menos de 10% (Comissão Europeia, 2013). Torna-se, por isso, importante investir no desempenho educacional dos jovens, para garantir a empregabilidade dos jovens (Comissão Europeia, 2013). Tendo em conta que, na atualidade, o insucesso escolar e o abandono escolar ainda são uma problemática bastante presente, é necessária a existência de políticas, programas e medidas socioeducativas de resposta a diferentes níveis. De acordo com as atuais orientações internacionais, a intervenção no abandono escolar precoce deve contemplar medidas de prevenção, de intervenção e de compensação (Comissão Europeia, 2013). As medidas de prevenção são de carácter universal e surgem com o intuito de evitar o desenvolvimento de fatores que podem originar o abandono escolar precoce. As medidas de intervenção destinam-se aos jovens já em risco de abandono escolar e incidem sobre as suas dificuldades escolares ou outras, impedindo o seu avanço, para que não comprometam o seu percurso educacional. Por fim, medidas de compensação conferem novas oportunidades educacionais aos jovens que já abandonaram os percursos de educação formal regulares, permitindo-lhes retomar a sua ligação com educação e obter uma qualificação escolar. Estas podem englobar o reconhecimento e validação de aprendizagem prévia, o apoio individual direcionado (e.g., apoio social, financeiro), ou a oferta de várias opções de reintegração no ensino e/ou formação, tais como programas de educação de segunda oportunidade (European Council, 2011). Estas respostas de educação de segunda oportunidade estão amplamente disseminadas e validadas em

¹ <http://www.fep.porto.ucp.pt/en/project-promise?msite=9>

toda a Europa (Day et al., 2013; Dale, 2010), embora em Portugal sejam ainda incipientes e não gozem de reconhecimento formal.

As medidas tutelares educativas

O sistema de justiça juvenil português atribui relevância à componente educacional do jovem, à necessidade de educar o jovem para a vida em sociedade e para os valores em sociedade, bem como educa-lo para o direito (Massena, Gago, Perquilhas & Guerra, 2015). A Lei Tutelar Educativa em Portugal assume um papel de referência na intervenção da delinquência juvenil. A intervenção que resulta da aplicação da medida tutelar educativa tem como principal objetivo a questão educativa, assim como trabalhar na reinserção do jovem na comunidade, tornando-o num cidadão responsável, produtivo e integrado (Ribeiro, 2015). A reinserção do jovem na sociedade exige um trabalho em dois níveis, ao nível individual e familiar e ainda ao nível do Estado, políticas e estruturas de oportunidades (Massena, Gago, Perquilhas & Guerra, 2015). É necessário que seja realizada uma avaliação que permita caracterizar a personalidade e o funcionamento psicológico do jovem, bem como uma avaliação de alguma eventual psicopatologia, caracterização da componente familiar e dos contextos que faziam parte da sua vida (Massena, Gago, Perquilhas & Guerra, 2015). Estas avaliações são necessárias para a decisão da medida a aplicar pelo sistema de justiça juvenil. As medidas que podem ser aplicadas derivadas desta lei são medidas institucionais, quando é necessário o internamento, e medidas não institucionais, quando são cumpridas junto da comunidade (Cunha, Soares, Veríssimo & Matos, 2015).

c. Instrumentos

Guião de Entrevista

Todos os participantes neste estudo foram entrevistados individualmente pelos investigadores da equipa do projeto PROMISE. Para tal, desenvolveu-se um guião de entrevista semiestruturada adaptado à população alvo em Portugal, mas que teve por base uma estrutura base idêntica para todos os países onde o projeto PROMISE se realizou. Este guião teve como principais

objetivos explorar e compreender as percepções dos participantes sobre o tipo de conflitos que os jovens enfrentam em geral e aqueles que os/as participantes já experienciaram pessoalmente, bem como o tipo de respostas que têm dado a estes conflitos e, finalmente, aquilo que outros jovens poderão aprender a partir das suas experiências. O guião de entrevista encontrava-se dividido em 7 secções: a primeira era composta por questões de caracterização do/a jovem; a segunda continha questões da vivência juvenil na atualidade; a terceira era composta por questões de identificação e caracterização de áreas de conflito dos jovens no geral, e do/a participante em particular; a quarta secção consistia em explorar respostas gerais dos jovens aos seus problemas; a quinta explorava o percurso do/a participante anterior à medida; a sexta explorava a forma como o/a participante a estava vivenciar a resposta específica que estava a frequentar e os benefícios que considerava retirar dela; e por fim a sétima secção explorava a eventual utilidade da experiência do/a participante para outros jovens em situações semelhantes.

Procedimento de recolha e tratamento de dados

Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas a todos os participantes no estudo, sempre com recurso a uma gravação áudio. É de salientar que já existia autorização da Comissão Nacional de Proteção de Dados, do Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa, e Consentimentos Informados com os Jovens, sendo que no caso dos menores foi também solicitado um consentimento informado para os pais ou representantes legais. Foi garantida a confidencialidade dos/as jovens participantes, atribuindo-se um nome fictício a cada um/a para que fosse impossível a identificação do/a jovem.

Tendo em conta o carácter qualitativo deste estudo, recorreu-se ao processo de análise de conteúdo, que consiste num conjunto de instrumentos metodológicos que contribui para a análise de diferentes fontes de conteúdo, verbais e não-verbais (Silva & Fossá, 2015). Integraram esta investigação etapas como: leitura flutuante, ou seja primeiro contacto com as entrevistas (Silva & Fossá, 2015); análise temática indutiva, isto é processo de codificação dos dados, sem a tentativa de encaixar num quadro de codificação preexistente (Braun & Clarke, 2006). A análise temática indutiva é orientada pelos dados

(Braun & Clarke, 2006). Da etapa da análise temática indutiva surgiram as seguintes categorias: 1. *Percurso Educativo*; 2. *Delinquência Juvenil*; 3. *Fatores Externos* e 4. *Fatores Internos*. Estas categorias, posteriormente, originaram diversas subcategorias, que contribuíram para uma melhor compreensão e organização dos resultados. Por fim, realizou-se o tratamento dos resultados, que consistiu em apreender todo o conteúdo obtido com a análise dos excertos das entrevistas (Silva & Fossá, 2015). Nesta fase realizou-se uma análise comparativa das categorias formuladas, tendo-se salientado aspetos semelhantes e diferenciados (Silva & Fossá, 2015).

IV. Resultados

Inicia-se a apresentação dos resultados com uma descrição simples das categorias criadas, progredindo para uma análise mais complexa dos dados através da discussão dos resultados com base na literatura. A apresentação dos resultados divide-se em duas secções: *Percurso Escolar* e *Delinquência Juvenil*; *Fatores* associados à emergência de risco e desviância em jovens.

Ao longo da apresentação dos resultados, sempre que pertinente, serão apresentados excertos exemplificativos retirados das entrevistas, com indicação do nome fictício do jovem e a sua idade.

A. Percurso Escolar e Delinquência Juvenil

Percurso Escolar

Nesta categoria codificou-se o percurso escolar dos jovens até ao momento em que integraram o projeto socioeducativo ou a medida tutelar educativa. Esta categoria teve como finalidade compreender o percurso escolar dos jovens tal como eles o perspetivam, incluindo as principais barreiras que os jovens referem ter encontrado.

A análise das narrativas dos jovens sobre o seu percurso escolar permitiu identificar em sete jovens **rendimento escolar negativo, reprovações, retenções e chumbos**. Cerca de onze jovens referiram **situações de mau comportamento e indisciplina no contexto escolar**, nomeadamente faltas disciplinares e suspensões: “*eu ali na minha escola*

antiga batia o record de faltas disciplinares a serio não havia... não havia uma aula que eu não fosse po po gabinete do aluno com falta disciplinar, porque eu só fazia asneiras.” (Andreia, 18). Apenas dois jovens fizeram referência a rendimento escolar positivo.

O **consumo de substâncias no contexto escolar** foi referido por quatro jovens, nomeadamente o facto de consumirem na escola ou terem iniciado os seus consumos neste contexto. Quatro jovens referiram ter **experienciado situações de bullying** no contexto escolar, considerando que esta experiência se refletiu negativamente no seu percurso: “...*tinha bastante dificuldade em me manter concentrado, em ignorar o que os outros diziam de mim, em não pensar o que é que me ia acontecer se viesse cá fora no intervalo. Que muita das vezes chegava e já tinha lá pessoas para me apanhar.*” (Lourenço, 24).

A **discriminação na escola** é um aspeto referido por sete jovens, nomeadamente dificuldades em serem aceites em cursos, discriminação devido à idade (não aceitarem os jovens por considerarem que a sua idade já não era adequada para frequentar um curso/formação) e ao contexto onde habitam (não aceitarem os jovens por habitarem num contexto problemático).

Quanto ao **relacionamento com professores, funcionários da escola e colegas**, nove jovens descreveram uma relação negativa. No entanto, também nove jovens referiram uma **boa relação**: “*E já lhe disse uma pessoa tem que marcar um café e isso. E com a minha diretora de turma também. São pessoas que me ajudaram, eu não vou esquecer.*” (Francisco, 17). Com base nas referências dos participantes foi possível perceber que o mesmo número de jovens que relatou uma relação negativa com professores, funcionários da escola e colegas foi o mesmo que descreveu uma relação positiva com os mesmos, sendo inconclusivo se prevalecem mais relações positivas ou negativas. Esta semelhança no número de jovens que descreveu relações positivas e negativas, pode ser consequência do facto de alguns jovens no seu discurso terem referido situações positivas e negativas nas relações estabelecidas com agentes escolares. Alguns jovens basearam-se em episódios ocorridos, o que poderá ter originado a referência tanto relações negativas como positivas.

O **envolvimento e valorização da escola pela família** foi referido por quinze jovens, tendo nove deles referido o **incentivo e valorização da escola pela família**: *“Agora uma pessoas nota que tem mais regalias se der algo em troca, ou seja, se estudar eu vou ter mais regalias do que se não estudar. Como é lógico.”* (Edgar, 21). Por sua vez, seis jovens não manifestaram existir uma relação entre a família e a escola, nomeadamente apontando a **ausência de incentivo da família para continuar o percurso escolar**: *“Por faltas, faltava muito, e também mais por problemas de família. O meu irmão é doente, não anda nem vê, portanto eu tive de tomar conta dele.”* (Paulo, 22).

Delinquência

Nesta categoria incluíram-se referências a comportamento delinquente no percurso dos jovens. Todos os excertos codificados reportam-se ao período até à sua integração num projeto socioeducativo ou numa medida tutelar educativa. Esta categoria teve como finalidade compreender as trajetórias desviantes dos jovens participantes e as principais dificuldades que encontraram.

A análise das narrativas dos jovens revelou o seu envolvimento em crimes, nomeadamente **roubo** (3), **tráfico de estupefacientes** (2) e **crimes contra a integridade física** (6). De acordo com os jovens, o seu envolvimento no roubo, no tráfico e em crimes contra a integridade física conduziu às medidas de proteção ou tutelares educativas. Os jovens referiram ainda outras práticas criminais. Por exemplo, Hélder (16 anos) referiu *“ter explodido um carro”*. Hugo (19 anos), por sua vez, descreve o seguinte: *“Eu a viver em duas casas e não pagava luz. Mal entrei na casa, mal a minha mãe ia receber a chave, cheguei lá e liguei logo a luz, não preciso de EDP, nem à noite”*.

O **consumo de substâncias** foi um aspeto focado com frequência por dez jovens ao descreverem as suas trajetórias desviantes. Nomeadamente, referiram quando iniciaram os consumos e o que motivou esse início, tendo alguns jovens assumido que consumiam para esquecer os problemas ou por influência de alguém. Referiram ainda a escola como um contexto de iniciação de consumos. Quanto às implicações que os consumos tiveram nas suas

vidas, alguns jovens revelaram que consideram haver implicações negativas, como por exemplo a prática de crimes.

Através dos discursos dos jovens, foi possível identificar que cinco fizeram referência à adoção de uma conduta desviante em coletivo ou de forma singular, quatro referiram fazer-lo **em grupo** e apenas um jovem assumiu momentos em que adotava comportamentos desviantes sozinho.

B- Fatores associados à emergência de risco e desviância em jovens

Apresentam-se duas categorias de fatores (internos e externos) associados à emergência de risco e desviância em jovens. Incluíram-se fatores que conseguimos identificar nos discursos dos jovens que poderão ter precipitado os seus comportamentos desviantes (e.g., influência negativa dos pares; problemas familiares). Embora nos discursos dos participantes nem sempre tenha sido estabelecida uma relação causa-efeito entre fatores e comportamentos, foi perceptível pela análise dos dados que a muitos desses acontecimentos sucediam os comportamentos desviantes.

Fatores Externos

Grupo de pares

O grupo de pares é um fator relevante na vida dos jovens, tendo dezassete deles referido a **influência negativa do grupo de pares** como um fator que contribuiu para a adoção dos comportamentos desviantes. Os participantes assumiram que os seus comportamentos desviantes eram maioritariamente praticados com os pares, muitas vezes para facilitar a sua integração num novo contexto ou por considerarem os pares como figuras de referência.

Contexto de residência

Na análise dos fatores externos destacou-se também a **residência em contextos problemáticos**, nomeadamente em bairros de habitação social, como um fator precipitante do comportamento desviante, tendo quatro jovens

feito referência aos seus **contextos de origem** como um fator que precipitou os seus comportamentos. Alguns jovens referiram ainda ser difícil sair dos contextos problemáticos.

Família

De entre os acontecimentos familiares referidos como fatores que precipitaram os comportamentos desviantes dos jovens, destaca-se o testemunho de situações de violência doméstica e/ou situações em que os jovens foram vítimas de violência na família: *“eu levei muita porrada, por isso é que eu sou a pessoa que sou hoje em dia.”* (Raquel, 19). Destacam-se também as referências à **falta de uma figura masculina no seu desenvolvimento**, ao divórcio dos pais, descrito como uma situação complicada que originou instabilidade, e as dificuldades económicas, que os jovens consideram ter favorecido a prática de comportamentos desviantes. Sete jovens referiram **problemas familiares de uma forma geral e/ou discussões com algum membro da família**: *“Porque acontecia cenas em casa e depois batia mal e fui expulso de casa e fui para a minha terrinha que é [nome de cidade no norte do país]...”* (Hugo, 19). O fator mais salientado no contexto familiar como um fator precipitante de comportamentos desviantes foram as **perdas significativas**, sendo que nove jovens referiram ter perdido alguém importante na sua vida: *“Ãh e desde que a minha avó morreu eu fiquei assim um bocado revoltada percebe?”* (Andreia, 18). Sete jovens salientaram a **ausência de suporte/apoio/atenção por parte da família**, revelando que em alguns momentos se sentiam perdidos: *“E isso acaba por nos revoltar um bocado porque, não é? Não temos acompanhamento, basicamente estamos a ser criados pelos nossos pais mas ao mesmo tempo estamos a crescer sozinhos e isso acaba por gerar revolta nas pessoas. Cada pessoa reage de maneira diferente a isso, não é?”* (Santiago, 24).

Contexto escolar

O contexto escolar fator destacou-se também como fator que precipitou a adoção de comportamentos desviantes. Dois jovens salientaram situações de estigmatização no contexto escolar, nomeadamente rejeições por parte de

escolas ou turmas, motivadas pelo seu comportamento, bem como situações de discriminação pelo contexto onde habitam. Dois jovens apontaram situações de reprovação, que conseqüentemente originaram perdas de amizades e/ou não identificação com novos colegas. Seis jovens referiram **má relação com professores, funcionários e/ou colegas** como um fator que originou adoção de comportamentos desviantes: “*Não. Havia setores, fogo, que eu não podia ver à frente. Nem punha os pés na sala. Porque, havia setores que eu só punha assim o pé na aula e o setor ‘ó, vens para te portar bem ou para a falta disciplinar?’ e eu ‘ó, depende, vou ver, e não sei quê’. Entrava, logo, falta disciplinar, siga...*” (Nelson, 18). Quatro jovens referiram ter sido alvo de situações de *bullying*, e um jovem fez referência às rivalidades entre grupos no contexto escolar.

Fatores Internos

Gestão emocional

A gestão emocional é um fator bastante presente no discurso dos participantes, tendo sete jovens revelado **dificuldade na gestão de emoções em situações emocionalmente exigentes**. Situações de revolta e de isolamento foram bastante salientes nos seus discursos.

Dois jovens referiram dificuldades na superação do sofrimento derivado de acontecimentos de vida difíceis. Um jovem manifestou dificuldade em ignorar determinados acontecimentos. Um jovem referiu o sentimento de ser inferiorizado pelos outros.

Autorresponsabilização

Sete jovens auto responsabilizaram-se pelas suas escolhas e pelos seus comportamentos, isto é, afirmaram terem sido eles a tomar de forma consciente a decisão de adotarem comportamentos desviantes. Nesse sentido, consideram-se responsáveis pelas suas trajetórias desviantes, pois tudo que fizeram tinham a opção de não fazer: “*Eu nem ligava, tudo o que me diziam entrava a 100 e saia a 1000. Eu via os outros a fazer e achava piada, fazia também, só que num, por cabeça minha, não foi por influência de ninguém.*” (Júlia, 18).

Por outro lado, seis jovens assumiram **ausência de percepção do comportamento problemático**, nomeadamente não pensarem nas consequências que os comportamentos praticados poderiam ter na sua trajetória.

Autoestima

Sete jovens revelaram problemas de autoestima, nomeadamente **incapacidade de reconhecer as suas capacidades e valores**: *“Não sei, eu via-me muito...de uma maneira muito má, eu acho. E, não sei, como não me esforçava, tipo não era boa em quase nada, então isso fazia com que eu pensasse mesmo que não era boa em nada, mas eu simplesmente não me esforçava em nada.”* (Luísa, 15). Um jovem referiu uma fase da sua vida em que sofreu de depressão.

Características pessoais

Vários jovens fizeram referência a algumas das suas características pessoais (e.g., ser direto demais, maturidade entre outros) como potenciais fatores que podem ter precipitado os seus comportamentos desviantes. Dois participantes fizeram referência ao facto de serem influenciáveis como um fator que prejudicou as suas decisões na adoção de comportamentos desviantes, isto é consideraram que se deixavam levar pela opinião dos outros e que seguiam o exemplo dos outros mesmo não sendo positivo para a sua trajetória. Dois jovens assumiram indiferença face à opinião dos outros, seguindo sempre as suas ideias pessoais, mesmo que conduzissem a impactos negativos nas suas trajetórias. Foi possível perceber que, em alguns casos, a indiferença face à opinião dos outros funcionou como um fator positivo, de proteção, pois revelou uma certa maturidade dos jovens em lidar com as críticas e em gerir potenciais situações que pudessem originar revolta. Por sua vez, a indiferença face à opinião dos outros também pode ter representado um fator precipitante do comportamento desviante, na medida em que os jovens de forma autónoma e sem qualquer suporte/apoio faziam as suas próprias escolhas sem ponderarem as consequências.

Três jovens reconheceram que o facto de serem diretos e muitas vezes exporem a sua opinião de forma impulsiva originou conflitos com os

outros, o que prejudicou as suas trajetórias: *“Acho que foi por eu ser demasiada direta, eu acho que é muito uma qualidade, mas também um defeito. E acho que isso trouxe-me muitos problemas e...”* (Luísa, 15). Dois jovens revelaram a falta de autocontrolo, nomeadamente em gerir as suas intervenções. Os fatores “serem diretos demais” e “falta de autocontrolo” estavam bastante associados nos discursos dos dois jovens, pois quando se assumiam como “diretos demais” automaticamente referiam a dificuldade de se autocontrolarem, nomeadamente na manifestação de opiniões.

Dois jovens referiram a maturidade como um fator relevante na tomada de uma decisão consciente e responsável. Um jovem assumiu sentir dificuldade em lidar com a personalidade dos outros originando por vezes conflitos com os outros. Dois jovens apontaram os seus valores pessoais, a sua educação como fatores que influenciam as suas escolhas. Dois jovens assumiram ao longo da sua trajetória terem sentido dificuldade na tomada de decisão e/ou incapacidade de tomarem decisões, isto é o processo de tomada de decisão consciente e favorável ao seu percurso muitas vezes representou uma dificuldade.

Medo de enfrentar novos desafios/falta de investimento/de objetivos

Três jovens assumiram medo/receio de enfrentar novos desafios/do desconhecido, ou seja de enfrentar situações que fossem demasiado exigentes ou que fugissem das suas zonas de conforto. Um jovem referiu ausência de iniciativa, ausência de vontade, de esforço para atingir um objetivo, muitas vezes associada ao contexto escolar e o futuro a nível profissional. Três jovens salientaram ao longo da sua trajetória ter existido momentos de **falta de investimento pessoal**, isto é momentos na sua trajetória em que sentiram sem rumo e com falta de motivação para investirem neles próprios.

Quatro jovens assumiram a ausência de objetivos pessoais, isto é não terem noção daquilo que queriam fazer, não terem metas pelo qual precisassem de trabalhar para alcançar, como um fator que condicionou as suas trajetórias. Um jovem referiu em algumas situações sentir-se egoísta e que isso o prejudicou em algumas situações. Um jovem salientou responder

com agressividade aos outros, sendo um fator que comprometia os seus relacionamentos interpessoais e que gerava conflitos com os outros.

V. Discussão e conclusões

A discussão dos resultados organiza-se acordo com os objetivos a que este estudo se propôs responder.

Objetivo 1. *Caracterizar as trajetórias destes jovens em termos de percurso educativo e delinquência juvenil.*

Le Blanc realizou vários estudos que mostravam que os jovens com trajetórias desviantes acumulavam retenções escolares, adotavam comportamentos inadequados na escola, ou seja, mau desempenho, perturbações do comportamento entre outros, não se verificando uma adaptação dos jovens no contexto escolar (Le Blanc, Ouimet, Szabo et al., 2003). Os resultados do presente estudo indicam que o percurso educativo dos participantes foi pautado, em grande medida, por situações de mau comportamento e indisciplina, rendimento escolar negativo, consumo de substâncias no contexto escolar, experiências de bullying e discriminação. Tendo em conta os estudos referidos, podemos perceber que os resultados registados nesta investigação coincidem com os dados já presentes em literatura. Foi perceptível através do discurso dos participantes que existia uma ligação entre questões de indisciplina e mau comportamento, e o rendimento escolar negativo. Provavelmente, o facto de os jovens apresentarem maus comportamentos e indisciplina, resultando em suspensões, poderá ser um fator que influencie a adoção de comportamentos desviantes pois, segundo Gallo e Williams (2008), jovens que frequentavam a escola viam a gravidade dos seus comportamentos desviantes reduzida. Partindo desta constatação e, de acordo com os resultados obtidos neste estudo, torna-se pertinente desenvolver estratégias para enfrentar os desafios de acolher os jovens no sistema de ensino, em vez de expulsá-los ou afastá-los do contexto escolar (Gallo e Williams, 2008), pois, tal como se verifica no estudo de Matos (2008), um dos motivos que precipitou o afastamento de jovens reclusas da escola foram os problemas disciplinares.

Relativamente aos relacionamentos interpessoais no contexto escolar, as opiniões dos/as participantes repartiram-se de forma igual, pois foram em mesmo número os jovens que revelaram uma boa e uma má relação com professores, funcionários e colegas. As relações com os agentes escolares e as suas reações em casos de indisciplina e comportamento desajustado no contexto escolar funcionam como um possível fator precipitante do comportamento delinquente (Le Blanc, Ouimet, Szabo et al., 2003). Com base nesta afirmação, podemos validar a importância e impacto dos relacionamentos interpessoais no contexto escolar. Relativamente ao fator família, o envolvimento dos familiares e consecutiva valorização da escola foi referido pelos participantes, tendo um maior número de jovens indicado que a família os incentivou e valorizou a escola. Este resultado obtido articula-se com as conclusões do estudo realizado por Tomé, Camacho, Gaspar Matos e Alves Diniz (2011), que considera a família como um elemento crucial no desenvolvimento dos jovens, tendo uma influência direta na educação, socialização, prestação de cuidados, transmissão de crenças e valores e, de um modo geral no bem-estar dos seus elementos.

Relativamente à problemática da delinquência juvenil, a prática de crimes contra a integridade física foi a mais mencionada pelos participantes. Contudo, uma percentagem considerável dos participantes assumiu ter praticado este ou outros crimes. Ainda na sequência da ofensa à integridade física, alguns participantes relataram responder aos outros com uma atitude violenta/agressiva, quer verbal ou fisicamente. O consumo de substâncias foi, também, bastante referido pelos jovens como uma prática que esteve presente nas suas trajetórias de risco.

A aceitação do grupo de pares e o processo de socialização é uma necessidade dos jovens em idade escolar, sendo importante o sentimento de pertença e de companheirismo (Tomé, Camacho, Gaspar Matos & Alves Diniz, 2011). Derivado desta necessidade, o grupo de pares representa um forte fator de influência na trajetória dos jovens, nomeadamente para a faixa etária dos participantes deste estudo (Tomé, Camacho, Gaspar Matos & Alves Diniz, 2011). Coincidente com as afirmações anteriores, este estudo veio reforçar a importância do grupo de pares e a necessidade do sentimento de pertença,

pois a maioria dos jovens assumiu adotar comportamentos desviantes em grupo e assumiu em algum momento ter-se deixado influenciar negativamente pelos pares. Os resultados registados através desta investigação acabaram por validar a teoria das subculturas, que refere que a influência de determinado grupo sobre um sujeito é consequência da sua necessidade de integração e como forma de assegurar a aprovação dos elementos (Akers & Sellers, 2004).

Em suma, com base nos resultados analisados, a trajetória educativa dos/as participantes foi pautada por alguma instabilidade, momentos de conflito e baixo rendimento escolar. Este estudo reforça a pertinência do desenvolvimento de estratégias para reduzir situações de indisciplina e mau comportamento, sem recorrer ao afastamento dos jovens do contexto escolar pois, como se pode analisar e é coincidente com estudos anteriormente publicados, a adoção de comportamentos desviantes teve início ou agravou-se com o afastamento dos jovens da escola. Com este estudo pode verificar-se a existência de uma relação estreita entre o abandono escolar precoce/percursos educativo e o fenómeno da delinquência juvenil, que nestes casos foi pautada, na sua maioria, pela prática de crimes, consumo de substâncias e alguma violência/agressividade.

Objetivo 2. Compreender os fatores associados à emergência das trajetórias de risco e desvio dos jovens

Os fatores associados à emergência das trajetórias de risco e desvio foram divididos em internos e externos de acordo com a sua natureza. De uma forma geral, os resultados do presente estudo indicam que os principais fatores externos associados à emergência de risco e desviância identificados pelos jovens foram: a influência negativa dos pares, a residência em contextos problemáticos, acontecimentos familiares, o contexto escolar e sentimento de discriminação pelos outros. Estes fatores relatados pelos jovens nos seus discursos coincidem em grande medida com os fatores externos enumerados na literatura associados à emergência de comportamentos desviantes. Os resultados do presente estudo reforçam a ideia de que o comportamento dos jovens é fortemente influenciado pelas relações interpessoais que estabelecem durante o seu período de desenvolvimento (Tomé, Camacho, Gaspar Matos & Alves Diniz, 2011), uma vez que alguns jovens assumiram que, em algum

momento da sua trajetória, se deixaram influenciar negativamente pelos pares com quem passavam muito tempo. Foi perceptível, através do discurso de alguns jovens, que o facto de se deixarem influenciar negativamente pelos pares tinha uma associação direta a acontecimentos familiares, nomeadamente ausência de uma figura masculina no seu desenvolvimento ou ausência de suporte/apoio/atenção por parte da família. Estas associações ressaltaram a necessidade dos jovens terem uma figura de referência ou um modelo para seguir. O estudo realizado por Dell’Aglío, dos Santos e Borges (2004) enfatiza este resultado, pois revela que a experiência de ruturas de vínculos e envolvimento em situações de perda de pessoas significativas nas vidas dos jovens contribuiu para que estes integrem uma conduta de desvio. A partir da análise da literatura foi possível perceber que fatores também encontrados neste estudo, tais como acontecimentos familiares, o grupo de pares e o contexto escolar, têm bastante relevância e são muito referidos como associados à emergência de comportamentos desviantes. Contudo, neste estudo, ressaltou-se também o sentimento de discriminação pelos outros como um fator com impacto nos jovens. A discriminação de que os jovens se sentem alvo pelos outros, tinha influência na sua trajetória, pois segundo eles era um fator que os condicionava em demonstrar as suas capacidades e em sentirem-se aceites (e.g., novos cursos, escolas).

Por sua vez, os principais fatores internos associados à emergência de risco e desviância mais referidos pelos participantes foram: dificuldade na gestão de emoções, autorresponsabilização, problemas de autoestima, características pessoais, medo/receio de enfrentar novos desafios/do desconhecido. Vários jovens apontaram dificuldade em gerir as suas emoções em situações emocionalmente exigentes, o que parece estar de acordo com o estudo realizado por Dell’Aglío, dos Santos e Borges (2004), que sugere que acontecimentos que originam instabilidade emocional, quando acompanhados de ausência de, pelo menos, uma figura afetiva responsável por atenção constante, proteção e segurança, propiciam a adoção de condutas desviantes. Com esta afirmação e com os resultados obtidos com este estudo, é possível perceber que existe uma associação direta entre fatores internos e fatores

externos, isto é, vários jovens relataram a ausência de uma figura e, por sua vez foi manifestado uma dificuldade na gestão emocional.

Relativamente à autorresponsabilização, os resultados são interessantes porque revelaram uma capacidade de reflexão autocrítica dos jovens sobre o próprio percurso, mas foram inconclusivos, o que salienta uma necessidade de exploração em investigações futuras. Neste estudo foi possível perceber que o número de jovens que se considera responsável pela sua trajetória desviante é aproximadamente o mesmo que aquele que assume uma ausência de percepção do comportamento desviante. As ideias de autorresponsabilização e de ausência de percepção do comportamento desviante podem tornar-se ideias paralelas, pois a autorresponsabilização implica uma percepção do comportamento desviante e uma consciencialização das escolhas; por sua vez a ausência de percepção do comportamento desviante pode implicar uma desresponsabilização, no sentido em que os participantes assumiram não ter percepção daquilo que estavam a fazer nem das respetivas consequências.

Os problemas de autoestima, segundo os participantes deste estudo, assumiram uma influência significativa nas suas trajetórias, pois revelaram sentir dificuldade em reconhecer as suas capacidades e valores. Este fator parece inibir os jovens de investirem neles próprios, o que parece relacionar-se com a ausência de objetivos pessoais por eles manifestado. Segundo Brunelle, Cousineau e Brochu (2002) a autoestima negativa é um fator potenciador de uma conduta desviante, pois os jovens procuram com esses comportamentos aumentar a sua autoestima. Apesar desta afirmação destes autores, neste estudo não se verificou de uma forma clara que os jovens adotassem condutas desviantes como forma de aumentar a sua autoestima, mas sim como um alerta de se sentirem sem rumo, sem objetivos pessoais. Por fim, vários jovens também destacaram algumas das suas características pessoais como fatores que podem ter contribuído para a sua conduta desviante. Porém, com base na análise dos resultados deste estudo foi possível perceber que as características pessoais só funcionavam como potenciais fatores precipitantes quando agregadas a outros fatores.

Em suma, podemos perceber que, de acordo com os dados recolhidos no estudo, existe um maior foco dos/as jovens nos fatores externos para

justificarem os seus comportamentos de risco ou desviantes. Porém um número significativo de jovens também apontou diversos fatores de origem interna. Os dados analisados apontam, assim, para uma forte ligação entre fatores de origem interna e externa, podendo mesmo representar um ciclo, pois um acontecimento negativo precipita um comportamento desviante quando já existe uma dificuldade interna. Por sua vez, um fator de origem interna, pode ser potencialmente precipitante da adoção de uma conduta desviante quando existe uma estimulação de um fator de origem externa. Esta investigação aponta, assim, uma necessidade de aprofundar em estudos posteriores a compreensão dos fatores de origem interna, bem como a sua associação com fatores de origem externa.

Os resultados deste estudo evidenciaram uma relação direta entre abandono escolar precoce e delinquência juvenil. Esta associação era já esperada, pois estudos anteriores já tinham validado esta relação. Concluiu-se também que os jovens têm tendência a destacar os fatores externos como fatores associados à emergência de trajetórias de risco e desviância. Porém, esta investigação ressaltou também a importância atribuída pelos jovens a fatores de natureza interna, que até então tinham sido menos explorados em investigações anteriores. Fatores como o sentimento de discriminação pelos outros, as dificuldades de gestão emocional e o medo/receio de enfrentar o desconhecido foram valorizados pelos participantes como estando associados à emergência das suas trajetórias de risco. Face à escassez de estudos que valorizem a percepção dos jovens sobre as suas trajetórias de risco e desvio, este estudo vem realçar a pertinência de aprofundar o conhecimento sobre essa percepção em investigações futuras. Tal contribuirá para que a intervenção no fenómeno da delinquência juvenil e do abandono escolar precoce se torne mais eficaz e ajustada às necessidades da população.

VI. Bibliografia

Akers, L. R. & Sellers, S. C. (2004). *Criminological Theories: Introduction, Evaluation, and Applications*. Los Angeles, Califórnia: Roxbury Publishing Company.

Benavente, R. (2002). Delinquência Juvenil: da disfunção social à psicopatologia. *Análise Psicológica*, 4 (20), 637-645.

Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2). pp. 77-101. ISSN 1478-0887

Brunelle, N., Cousineau, M., Brochu, S. (2002). Deviant Youth Trajectories: Adoption, Progression and Regression of Deviant Lifestyle. Em Brochu, S., Agra, C. & Cousineau, M. (eds), *Drugs and Crime Deviant Pathways*, Ashgate Publishing Company. Main Street Burlington.

Carvalho, M. J. L. D. (2005). Jovens, espaços, trajetórias e delinquências. *Sociologia, problemas e práticas*, (49), 53-70.

Comissão Europeia: Educação e Formação (2017). *Monitor da Educação e Formação de 2017*. Lisboa, Portugal: Direção-Geral da Educação, da Juventude, do Desporto e da Cultura.

Comissão Europeia: Educação e Formação (2013). *Reducing early school leaving: Key messages and policy support. Final Report of The Thematic Working Group on Early School Leaving*.

Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens (2018). *Relatório de Avaliação da Atividade das CPCJ – 2017*.

European Council (2011). Recommendation on policies to reduce early school leaving. *Official Journal of European Union*.

Cunha, C., Soares, M., Veríssimo, L., & Matos, R. (2015). Família, Pares e Delinquência Juvenil: Análise de Diferentes Percursos de Reincidência. *Revista de Psicologia*, 24(2), p. 1-18.

Dale, R. (2010). *Early school leaving. Lessons from research for policy makers*. NESSE: An independent expert report submitted to the European Commission. Strasbourg: The European Commission.

Day, L., Mozuraityte, N., Redgrave, K., & McCoshan, A. (2013). *Preventing early school leaving in Europe: lessons learned from second chance education*. Luxembourg: Publications Office of the European Union.

Dell'Aglio, D. D., dos Santos, S. S., & Borges, J. L. (2004). Infração juvenil feminina: uma trajetória de abandonos. *Interação em psicologia*, 8(2), p. 191-198.

Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP). (2018). *Síntese estatística bimestral*. Lisboa, Portugal: Ministério da Justiça.

Duarte, Vera (2012), *Discursos e percursos na delinquência juvenil feminina*. Vila Nova de Famalicão: Húmus.

Dubet F. (2003). A escola e a exclusão. *Cadernos de Pesquisa*, 119, 29-46.

Feijó, R. B., & Oliveira, É. A. D. (2001). Comportamento de risco na adolescência. *Jornal de pediatria. Porto Alegre. Vol. 77, supl. 2 (nov. 2001), p. 125-134.*

Gallo, A. E., & de Albuquerque Williams, L. C. (2008). A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. *Cadernos de pesquisa*, 38(133), 41-59.

Gyönös, E. (2011). Early school leaving: Reasons and consequences. *Theoretical and Applied Economics*, 11(11), 43-52.

Harris-McKoy, D. (2016). Adolescent Delinquency: Is Too Much or Too Little Parental Control a Problem? *Journal of Child and Family Studies*, 25(7), 2079-2088.

PORDATA. (2018). *Taxa de abandono precoce de educação e formação: total e por sexo*. Lisboa, Portugal: PORDATA em fevereiro, 07, 2018 em <https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+abandono+precoce+de+educa%C3%A7%C3%A3o+e+forma%C3%A7%C3%A3o+total+e+por+sexo-433>

Junqueira, M. R., & Jacoby, M. (2006). O olhar dos adolescentes em conflito com a lei sobre o contexto social. *Textos & Contextos*, 5(2), 1-18.

Justino D., Santos R., Beatriz I., Gramaxo L., Pascueiro L., Franco L., Carvalho M. J., Tomaz M., Santos R., Almeida S. & Batista S. (2017). *Atlas da Educação - Contextos sociais e locais do sucesso e insucesso*. Lisboa: Projeto ESCXEL - Rede de Escolas de Excelência, CICS.NOVA.

Le Blanc, M., Ouimet, M., Szabo, D. & Colaboradores. (2003). *Tratado de Criminologia Empírica*. Climepsi Editores: Lisboa. Tradução de Rita Rocha.

Lopes, S. M. (2011). Estudos etnográficos: exemplos e potencialidades no campo da animação sociocultural. *Metodologias de investigação em animação sociocultural*, 53-81.

Massena, A., Gago, L., Perquilhas, M. & Guerra, P. (2015). *Intervenção Tutelar Educativa*. Centros de Estudo Judiciários.

Matos, R. (2008). *Vidas raras de mulheres comuns. Percursos de vida, significações do crime e construção da identidade em jovens reclusas*. Edições Almedina

Matos, R., Martins, F., Carneiro, A., Ribeiro, L., Campos, M., & Negrão, M. (2016). *National Context Report – Portugal*. Porto: CEDH – Research Centre for Human Development, Universidade Católica Portuguesa. Published online <http://www.promise.manchester.ac.uk/wp-content/uploads/2017/06/PROMISE-N...>

Matos, R., & Soares, M. (2018). Teorias do crime e do controlo social. In C. Ribeiro, M. Barbosa, M.C. Carvalho & Matos. *Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante*. Porto: Universidade Católica Editora. Pp 19-64.

Ministério Público, (8 de Abril de 2015). *Promoção e Proteção*. Obtido de Ministério Público Portugal, Em Defesa da Legalidade Democrática: <http://www.ministeriopublico.pt/perguntas-frequentes/promocao-e-protecao>.

Nunes, M. C. A., Andrade, A. G. D. S., & Morais, N. A. D. (2013). Adolescentes em conflito com a lei e família: um estudo de revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*, 6(2), 144-156.

Ribeiro, C. C. M. (2015). *Lei Tutelar Educativa: natureza e eficácia da medida de internamento em regime de execução fechado aplicada ao menor infrator*.

Rocha, M., Ferreira, A., Moreira, A. P. & Gomes, T. (2014). *Redução do abandono escolar precoce – uma meta a prosseguir, Estudos e Intervenções*.

Silva, A. H., & Fossá, M. I. T. (2017). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Dados em Big Data*, 1(1), 23-42.

Simões, M. T., Fonseca, A. C., Formosinho, M. D., Dias, M. V., & Lopes, M. C. (2008). Abandono escolar precoce: Dados de uma investigação empírica. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 135-151.

Tomé, G., Camacho, I., Gaspar de Matos, M., & Alves Diniz, J. (2011). A influência da comunicação com a família e grupo de pares no bem-estar e nos comportamentos de risco nos adolescentes portugueses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4).

Varisco, P. A. (2014). Delinquência juvenil e suas causas sociais: a teoria da anomia no cenário brasileiro. *Publicação do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais*.

Vasconcelos, T. C., Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., & Pessoa, V. S. (2008). Condutas desviantes e traços de personalidade: Testagem de um modelo causal. *Estudos de Psicologia*, 25(1), 55-65.

Xavier, M. (2011). Delinquência juvenil: As consequências da ausência de vínculos familiares na adoção de comportamentos desviantes. *Monografia (Licenciado em Criminologia)*, UFP, Brasil.

Anexos

Tabelas de categorização

Categorias	Definição	Exemplos de excertos	Nº de Jovens
1. Percurso Educativo			
1.1. Rendimento escolar negativo / chumbos / reprovações / retenções	Esta categoria faz referência a excertos relacionados com o rendimento escolar negativo, reprovações de ano, negativas em algumas disciplinas. Nesta categoria inserem-se todos os excertos relacionados com os resultados escolares negativos.	Então não ia à escola, isso aconteceu muitas vezes, chegou ao momento das provas eu não pude ir por causa das minhas faltas. (Roberta)	7
1.2. Mau comportamento / indisciplina na escola	Nesta categoria inserem-se excertos relacionados com faltas disciplinares, suspensões e maus comportamentos no contexto escolar.	Eu ali na minha escola antiga batia o record de faltas disciplinares a serio não havia ... não havia uma aula que eu não fosse po po gabinete do aluno com falta disciplinar, porque eu só fazia asneiras. (Andreia)	11
1.3. Rendimento escolar positivo	Nesta categoria inserem-se excertos em que os jovens referiram aspetos positivos das suas notas na escola.	Foi diferente. Foi uma questão de.. não tive escolha, portava-me... Ei, era muito mau na escola. Era horrível. Não era questão de notas, porque eu notas eu aplicava-me e... Era de comportamento, era muito (?? Incompreensível). Eiiii, não sei explicar, eu agora penso no que fazia e penso 'fogo, eu fiz mesmo aquilo?'. (Nelson)	2
1.4. Consumos na escola	Nesta categoria inserem-se excertos relacionados com os consumos realizados na escola e/ou que iniciaram no contexto escolar.	Num ia às aulas, eu só entrava na escola, saltava o portão e ia fumar drogas essas coisas. (Helder)	4
1.5. Vítima de Bullying na escola	Esta categoria faz referência a excertos em que os jovens relataram vivenciar situações de bullying e que tiveram implicações no seu percurso escolar.	tinha bastante dificuldade em me manter concentrado, em ignorar o que os outros diziam de mim, em não pensar o que é que me ia acontecer se viesse cá fora no intervalo. Que muita das vezes chegava e já tinha lá pessoas para me apanhar. E peguei, decidi: bem, eu preciso de saber das minhas coisas; ora vamos pedir aos meus pais, não há estudos há trabalho. Dediquei-me à vida do trabalho. (Lourenço)	4
1.6. Discriminação na escola	Inclui não aceitarem inscrições, dificuldade em ser aceite em curso, discriminação		7

	derivado à idade e pelo contexto onde moram (bairro).	E então no [nome da escola] por exemplo como eu tinha 18 anos acho eu era 18 anos? Tenho 20 e era quase o mais velho da escola tinha mais um ou dois e o professor disse mesmo a setora da escola disse mesmo era melhor sair ir para [nome da escola] ee prontos mandou uma carta a dizer que eu tinha que sair fui para [nome da escola]e no [nome da escola] num num quiseram e eu sai da escola não andei mais (Miguel)	
1.7. Relações positivas com professores, funcionários da escola e colegas	Inclui referências positivas de apoio e suporte de professores, funcionários e colegas que marcaram positivamente o percurso escolar dos jovens	Muito pior! A minha diretora de turma...eu na escola no ano passado ainda me seguiam...ainda me seguem, mas eles já viram que eu mudei. Passei de ano e falei com a minha assistente, que sabia o que se estava a passar. (Francisco)	9
1.8. Relações negativas com professores, funcionários da escola e colegas	Inclui situações negativas que ocorreram no contexto escolar entre os jovens e os professores, funcionários ou colegas.	Por acaso uma vez respondi mal e a professora marcou-me uma daquelas faltas mais graves, que vai logo para a direção e no meu caso vai logo para o tribunal.... (Francisco)	9
1.9. Valorização da escola pela família	Inclui excertos em que os jovens evidenciam que as suas famílias incentivam, valorizam e realçam a escola como um fator importante para o futuro.	Agora uma pessoas nota que tem mais regalias se der algo em troca, ou seja, se estudar eu vou ter mais regalias do que se não estudar. Como é lógico. (Edgar)	9
1.10. Desvalorização da escola pela família	Inclui situações em que os jovens nos seus excertos não evidenciam uma relação entre a família e a escola. Inclui situações de faltas à escola para ficar em casa, em que não revelam incentivo da família para continuar a escola e como algo importante para o futuro.	E houve um dia não fui à escola e disse ao meu pai que era sempre a mesma coisa, fugi de casa, uma vez, por causa disto. E eles chegaram e tiraram-me de lá para meteram-me aqui, por causa da segurança social. (Sérgio)	6

Categorias		Definição	Excertos	Nº de Jovens
Delinquência				
1.1. Crimes		Inclui excertos em que os jovens referem os crimes que cometeram.	INT: Uau. Porquê que fizeste isso? O que te levou a fazer isso? HELDER: Tava todo perdido da cabeça, num sei o que tava a fazer e por aquilo que me disseram eu peguei fogo a um pneu e depois o carro pegou todo.	3

1.1.1. Roubos			Se uma pessoa estiver com eles vai sempre fazer alguma coisa. E calhou-me a mim. e depois eu continuei. E foi sempre a conhecer pessoas novas, amigos, e roubava e essas coisas. Depois, uma pessoa tinha sempre coisas novas (Francisco)	3
1.1.2. Tráfico de estupefacientes			Eu posso dizer que fiz muita merda, vendi muita merda e nunca toquei nunca numa base nem num pacote. Porquê? Eu bastava olhar para aquelas pessoas, sempre gostei de falar e eles só me diziam oh menino tu queres, queres ser como eu, queres estar nesta desgraça, tens aí um saco cheio manda, começa. Achas que eu quero. (Marco)	2
1.1.3. Contra a integridade física			Ãh tive um ano sem ir à escola, mandei uma professora das escadas abaixo shh espanquei uma funcionária ... não não me orgulho disso estou me a rir mas não me orgulho disso porque se fosse hoje não fazia, (andreaia)	6
1.2. Consumo de Substâncias		Inclui excertos em que os jovens referem situações de consumo, nomeadamente quando iniciaram, em que circunstâncias consomem, contextos onde consomem e implicações que o consumo teve nos vários contextos onde se inserem.	Mas quando, quando me apercebi e quando vi o que eles começavam a fazer, não, não me posso habituar a isto, porque eles fumavam ganza todos os dias ... (Roberta)	10
1.3. Prática de Comportamento Desviante		Inclui excertos em que os jovens referem se praticavam o comportamento desviante sozinhos ou em grupo. Inclui também excertos em que relatam ter iniciado em grupo e posteriormente realizarem sozinhos.		

1.3.1. Em grupo			Eu não ficava a pensar muito tempo na coisa, tenho que ir roubar, estou a precisar. Nada. Era uma coisa que fluía, deixava ir. Parecia que já era normal. Nem falava nisso, eu simplesmente ia ter com os meus amigos e dizia vamos dar uma volta e já estava. (Francisco) (...) faltava para ir sair que eles iam fumar ou iam para ali e eu também ia com eles. (Telma)	4
1.3.2. Individual			Foi mesmo as companhias e depois eu ganhei o gosto e ia fazer sozinhas as coisas. (Francisco)	1

Categorias		Definição	Exemplos de excertos	Nº de Jovens
2. Fatores relacionados com insucesso escolar e delinquência				
2.1. Fatores externos				
2.1.1. Influência negativa do grupo de pares		Inclui excertos em que os jovens apontam a influência negativa dos pares como um fator que precipitou a sua adoção de comportamentos desviantes.	A sociedade está toda trocada, uma pessoa se tiver com os amigos que não são....Se não estivermos com os amigos certos, vamos-mos meter em coisas que são escusadas. E é isso que uma pessoa tem que abrir os olhos. E não é só. Como é que eu hei-de explicar? (Francisco)	17
2.1.2. Contextos de Residência	Residência em contextos problemáticos	Inclui excertos que os jovens fazem referência ao contexto onde habitam ou contextos que frequentam como um fator que precipita a adoção de comportamentos desviantes. Inclui também excertos em que os jovens apontam ser difícil sair dos problemas dos contextos.	Sair da vida de bairro e tornar a ser uma pessoa normal, os problemas do bairro vêm todos atrás. Uma pessoa nunca consegue continuar normal. (Lourenço)	4
2.1.3. Família	Violência	Inclui situações de violência doméstica entre os pais, e situações em que eles próprios foram alvo de violência no seu desenvolvimento.	Eu levei muita porrada, por isso é que eu sou a pessoa que sou hoje em dia. (Raquel)	3

	Ausência de figura masculina	Inclui excertos que referem a ausência do pai, nomeadamente em que o pai foi preso e/ou os abandonou. Realçam a falta que a figura paterna ou alguém que substitua essa figura fez no seu desenvolvimento.	Nesses tempos eu andava mesmo mal. Eu tinha o meu filho e eu tinha sonhos com o meu pai. Eu cresci sem o meu pai e foi uma coisa que me tocou e não queria mesmo que acontecesse o mesmo ao meu filho. (Francisco)	5
	Divórcio dos pais	Inclui excertos em que apontam o divórcio ou separação dos pais como um período que originou instabilidade.	Pronto, e depois, a separação dos meus pais foi o que mais me magoou. Foi tudo junto, a situação dos meus pais em dezembro, a mãe do meu pai faleceu em fevereiro, entrei no colégio em junho, tudo me abalou um bocadinho. Mas mesmo, hoje tenho 18 anos, mas mesmo assim, o meu maior sonho era os meus pais juntarem-se. Isso eu não nego que é a realidade. Mas ... (Julia)	3
	Dificuldades económicas	Inclui excertos em que referem ter necessidade de ter o que os outros tinham, necessidade de se virarem na vida.	Oh pá ficava a rua e comecei pela cena do dinheiro fácil, via-os todos bem vestidos, também queria. Andar com o ouro, os ténis todos branquinhos e então comecei a levar essa vida. (Edgar)	4
	Problemas familiares de uma forma geral e/ou discussões com algum membro da família	Inclui excertos em que os jovens apenas referem problemas familiares sem especificar, discussões com algum membro da família como um fator que os destabiliza e/ou mau ambiente em casa.	Porque acontecia cenas em casa e depois batia mal e fui expulso de casa e fui para a minha terrinha que é [nome de cidade no norte do país], mas depois voltei... disse mesmo gosto mais do [nome de cidade principal], é melhor sítio para mim. (Hugo)	7
	Perdas significativas	Inclui excertos em que os jovens referem ter perdido pessoas importantes na sua vida.	O mais marcante foi a morte da minha madrasta. Mas o que teve mais, me causou mais problemas, quer dizer eu acho que está tudo relacionado, porque tipo uma coisa levou a eu...a morte da minha madrasta levou à perda de motivação com as aulas, o que levou a muitos problemas com a minha mãe, a muitos problemas com o meu pai. Acaba que foi tudo relacionado um com o outro, acaba por ser tipo um, que afetou várias. (Luísa)	9

	Ausência de suporte/apoio/atenção por parte da família	Inclui excertos em que os jovens referem terem-se sentido sozinhos, falta de atenção, compreensão em casa.	Eu fiquei com vontade, porque como já disse vi a minha mãe drogar-se à minha frente bastantes vezes e etc. e ela estava-se a cagar para mim e essas coisas . Foi por isso que eu levei essa vida toda de roubar e essas coisas porque eu se calhar não tinha.... (Edgar)	7
2.1.4. Contexto escolar	Estigmatização na escola	Inclui situações de não aceitação em escolas ou turmas derivado do seu historial de comportamento desviante. Inclui situações em que se sentiram discriminados pelo contexto onde moram.	ou num me aceitavam ou diziam que não haviam escolas ou turmas (Martim)	2
	Reprovações	Inclui situações em que reprovaram e originou perda de amizades ou que não se identificavam com os novos colegas.	Foi, também, eu reprovei dois três e tipo, via mais crianças tipo, já não tinham a mema conversa tipo, às vezes irritava-me a conversa deles. E era o que me levava ao extremo. E fazia coisas num é? Comportava-me mal, não é? Tinha atitudes feias. (Manuel)	2
	Má relação com professores, funcionários e colegas	Inclui situações de confronto entre os jovens e os professores/funcionários/colegas. Situações em que de algo forma se sentiram injustiçados. Situações em que não se identificavam com os colegas/professores.	Eu naquela escola [nome de escola], não era que eu me desse mal com ninguém, porque praticamente era tudo da minha casa, ali da beira, da zona. Uma pessoa conhece e dá-se bem, mas chega ao ponto de ser chato porque uma pessoa está lá para estar na aula. Não acorda às 8.30 para ir para ali e levar com os berros dos outros, nem para estar a fazer brincadeiras! Eu cheguei ao ponto de começar mesmo a cansar de ir e começar a ficar em casa, ou não ir mesmo . Eu chegava de lá cheio de dores de cabeça e tudo. Não tinha mesmo paciência no dia seguinte... (Francisco)	6
	Bullying	Inclui situações em que foram alvo de bullying.	Porque eu já passei bullying, não queria passar pelo mesmo e ia atrás. (...) Mas lá está, derivado às circunstâncias que a vida me proporcionou, tornei-me revoltado, sou uma pessoa revoltada. (Lourenço)	4

2.2. Fatores internos				
2.2.1. Gestão Emocional	Dificuldade na gestão de emoções em situações emocionalmente exigentes	Dificuldade na sua gestão de emoções, em situações emocionalmente exigentes. Situações de revolta, de isolamento, de não saber lidar com as emoções derivadas de acontecimentos de vida.	Mas lá está, derivado às circunstâncias que a vida me proporcionou, tornei-me revoltado, sou uma pessoa revoltada. (Lourenço)	7
	Dificuldades na superação do sofrimento de acontecimentos de vida difíceis	Situações em que os jovens revelam sofrimento derivado de situações do seu passado. Dificuldade na superação do sofrimento.	De alguma maneira, não é? Todos nós temos problemas, é certo. Agora, depende do seu, do seu estilo de vida, do seu... do seu da sua educação, de muitos fatores, não é? Do que passou, do que sofreu. (José)	2
	Dificuldade em ignorar determinados acontecimentos	Situações em que o próprio jovem não conseguia focar noutras experiências.	tinha bastante dificuldade em me manter concentrado, em ignorar o que os outros diziam de mim, em não pensar o que é que me ia acontecer se viesse cá fora no intervalo. Que muita das vezes chegava e já tinha lá pessoas para me apanhar. E peguei, decidi: bem, eu preciso de saber das minhas coisas; ora vamos pedir aos meus pais, não há estudos há trabalho. Dediquei-me à vida do trabalho. (Lourenço)	1
	Sentimento de ser inferiorizado pelos outros	Inclui situações em que os jovens se sentiam olhados pelos outros de forma diferente, como alguém inferior.	eu não gosto que olhem para mim tipo coitadinha, isso enerva-me, mas agora já não passo tanto por isso, mas quando era mais nova passava muito, muito por isso, e era horrível, mas como não era a única da turma, isso acabou por me ajudar também um bocado. (Luísa)	1

2.2.2. Autorresponsabilização		Inclui situações em que os jovens apontam a adoção de comportamentos desviante como uma escolha sua, como uma opção própria e consciente.	Eu nem ligava, tudo o que me diziam entrava a 100 e saia a 1000. Eu via os outros a fazer e achava piada, fazia também, só que num, por cabeça minha, não foi por influência de ninguém. Não é “faz isto”, não, eu achava piada gozar com os professores e gozava também. Foi mesmo, é por cabeça minha. (Julia)	7
	Ausência de perceção do comportamento problemático	Não pensar nas consequências, referirem ser um caminho mais fácil ou que estão a seguir um caminho complicado.	Há uns que simplesmente nem percebem que estão num mau caminho (Santiago)	6
2.2.3. Baixa Autoestima		Inclui situações em que os jovens não conseguem reconhecer o seu valor, as suas capacidades. Inclui situações em que os jovens se vêm negativamente.	Não sei, eu via-me muito...de uma maneira muito má, eu acho. E, não sei, como não me esforçava, tipo não era boa em quase nada, então isso fazia com que eu pensasse mesmo que não era boa em nada, mas eu simplesmente não me esforçava em nada. Então fazia com que não fosse boa em nada, mas agora esforço-me e sou boa em algumas coisas e isso é bom. (Luísa)	7
	Perturbação Psicológica	Situações de depressão.	em dia. Foi sempre assim e ... pronto até aos dias de hoje vá. Aos dias de hoje, quando passei o último ano no [nome de externato] eu tive o problema de... uma depressão. Comecei a deixar de comer, basicamente... (José)	1
2.2.4. Características pessoais	Ser Influenciável	Inclui excertos em que os jovens apontam o facto de serem influenciáveis como uma característica pessoal que prejudicou na adoção de comportamentos desviantes.	eu era muito influenciável, e isso não me ajudou nada, eu fazia muito o que eles faziam e prejudicou-me muito, mesmo. (Luísa)	2

	Indiferença face à opinião dos outros	Inclui situações em que os jovens assumem não ligar ao que os outros dizem. Desvalorização da opinião dos outros.	Eu, isso para mim, não ligo, isso para mim não é nada, eu sou como sou. Uma coisa que eu digo a muita gente, que são todos os meus amigos, nunca ninguém deve ter vergonha do que nós somos, nada, nós somos o que somos e então é caminho para a frente. Não temos que ligar às críticas dos outros, nem para uma coisa nem para outra. Temos que viver é da nossa maneira. (Silvio)	2
	Ser direto demais	Característica pessoal de dizer o que pensam de forma direta. Arrependimento e reconhecimento de que essa característica prejudica.	Acho que foi por eu ser demasiada direta, eu acho que é muito uma qualidade, mas também um defeito. E acho que isso trouxe-me muitos problemas e... não sei, acho que tipo, agora ainda sou e digo muito...às vezes arrependo-me muito do que disse... (Luísa)	3
	Falta de autocontrolo	Situações em que referem dificuldades em se autocontrolarem. Controlar o lado explosivo, o facto de falar o que pensam de forma inapropriada e de fazer o que querem.	(...) às vezes arrependo-me muito do que disse, mas controlei-me mais e antes não me controlava nada e isso afetou-me muito, mesmo. Acho que foi isso. (Luísa)	2
	Maturidade	Situações em que assumem a maturidade como um fator relevante na hora de tomar decisões/fazer escolhas.	São iguais é preciso ter maturidade na cabeça. (Sérgio)	2
	Dificuldade em lidar com a personalidade dos outros	Situações de incompatibilidade de personalidades.	Mas às vezes com um colega ou outro que é mais chato, é mais picante para nós e a gente não tem a mesma personalidade que eles e é mais sossegado e quer estar mais no nosso canto, e pronto ele não respeita isso e assim... às vezes ficamos um bocado mais aborrecidos e até nos apetece... e a gente levanta-se de manhã e diz “Ei tenho de aturar aquela chata” como se costuma dizer, tenho que aturar aquela chata, fogo, mas pronto... (José)	1

	Dificuldade na tomada de decisão e/ou incapacidade de tomarem decisões	Situações em que sentiram dificuldade em tomar decisões ou revelam incapacidade/falta de apoio nas tomadas de decisão.	Depois há outros que não têm cabeça por eles mesmos, não conseguem fazer escolhas. Há pessoas que não conseguem fazer escolhas e pronto (Telma)	2
2.2.5. Medo de enfrentar novos desafios/falta de investimento/de objetivos	Medo/receio de enfrentar novos desafios/do desconhecido	Receio de enfrentar novos desafios, de experimentar o desconhecido.	Eu via os meus irmãos mais velhos a fazerem coisas e e não sei e não queria ser tinha medo acho que era insegurança de de ah num vou querer ser aquilo não sei quê. Vou querer ser outra coisa e acho que era um bocado por aí que eu tentava ser rufia (Martim)	3
	Ausência de iniciativa, ausência de vontade, de esforço para atingir um objetivo	Ausência de vontade, de esforço para atingir algo.	Têm de ter vontade de mudar o que eles são e o que eles querem, porque se nós num tivermos vontade e esforço nós não vamos chegar a lado nenhum. (Roberta)	1
	Falta de investimento pessoal	Reconhecimento de capacidades mas não investem neles próprios ou nas oportunidades que surgem. Desligados deles próprios e do seu futuro.	foi ãh num querer saber foi num querer ter rumo e... Isso levou-me a e tive assim muito tempo e num ter rumo pa mim foi a pior uma das piores que eu tive, acordar e num fazer nada um mês, um mês secalhar é bom mas de resto fogo. (Martim)	3
	Ausência de objetivos pessoais	Situações em que não sabem o que querem para a sua vida, que não sabem o que querem fazer ou ser. Ausência de objetivos positivos nas suas vidas.	Eu cheguei a um ponto que disse assim, não, deixa andar tudo. Foi como eu disse, com aqueles dois anos parado sem fazer nada, sem saber o que queria , o que era, o que é que queria de mim, o que é que ia ser de mim , até conhecer a minha mulher, que estou atualmente. (Lourenço)	4